

A Sociedade em Imagens: Perspectiva a respeito da presença da fotografia na sociedade contemporânea.¹

Arôdo Romão de ARAÚJO FILHO²

João de Sousa LIMA NETO³

Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB

Resumo

Hoje, mais do que nunca, o mundo vive imerso em imagens geradas pelas mais diferentes fontes. No presente estudo é traçado um panorama a respeito da presença dessas imagens na sociedade, levando em consideração sua origem (dispositivos), e suas formas de ocupação. Tomando a fotografia como a principal fonte das imagens contemporâneas, a problemática deste artigo gira em torno das relações estabelecidas com este artefato ao longo do tempo, e da sua importância enquanto instrumento de registro e representação no cotidiano social.

Palavras-Chave: fotografia; sociedade; representação.

Abstract

Today, more than ever, the world is immersed in images generated by many different sources. In the present study an overview is drawn concerning the presence of these images in society, taking into account their origin (devices), and its forms of occupation. Taking photography as the main source of contemporary images, the problem of this article revolves around the relationship established with this artifact over time, and its importance as a tool for recording and representation in everyday social life.

Keywords: photography; society; representation.

Introdução

A fotografia surge a partir de experimentos *físico-químicos*, de inúmeras tentativas de se desenhar com a luz. Desde então, seu processo de evolução tecnológica foi intenso. E é talvez por ter em sua história essa essência técnica, que sua relação com a realidade e sua classificação como Arte se tornaram questionamentos constantes.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Recém Graduado no Bacharelado em Arte e Mídia (Conclusão em 2013). E-mail: arodofilho@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Arte e Mídia da UFCG, email: joao.artemidia@gmail.com

Sob um ponto de vista a fotografia pode ser interpretada como documento – inclusive no sentido literal da palavra, quando se faz necessária em carteiras de identidade, laudos policiais etc. –, como testemunho. Esta perspectiva pode ser atribuída ao senso comum que culturalmente confere à foto toda essa carga de realidade. Indo de encontro a essa linha de pensamento, alguns teóricos consideram arbitrária tal tentativa de capturar a realidade, pois levam em conta a complexidade do real e a ação do fotógrafo, que aparece como mediador entre o *assunto* e a máquina.

Transpondo esta discussão para o campo da Arte, tais questionamentos ecoam e colocam em cheque a classificação da fotografia como expressão artística. É bem verdade que essa problemática se apresenta com menos intensidade na contemporaneidade, mas em compensação, a presença da fotografia no cotidiano da sociedade se torna quase uma imposição.

O processo de evolução pelo qual as tecnologias digitais vêm passando barateia os custos e, por consequência, facilita o acesso aos equipamentos relacionados à produção e veiculação de imagens. Esta facilidade ilustra a sociedade visual e virtual em que vivemos, onde a linguagem não verbal parece ter voltado a ser imprescindível ao nosso convívio, tal qual o era antes da invenção da escrita.

A fotografia também passa por um processo de *democratização*, através da facilidade de acesso aos equipamentos fotográficos digitais, que alcançaram os diversos níveis socioculturais. As discussões sobre as qualidades artísticas da fotografia voltam à tona imbuídas das relações entre as tecnologias digitais e a Arte. Este debate acaba por motivar o presente estudo, que visa aprofundar o conhecimento em torno da problemática apresentada.

A Sociedade em/de imagens

A sociedade vivencia atualmente um cotidiano imerso em mensagens visuais, um verdadeiro império das imagens. Habituar-se a consumir este tipo específico de comunicação se torna vital em meio ao *boom* de informações deste gênero que são veiculadas através das mais diferentes plataformas.

A imagem pode ser definida como uma maneira universal de se comunicar que sempre se fez presente na história da humanidade. Segundo Fernando Tacca é possível perceber que a imagem está presente em todas as culturas assumindo diferentes formas, “sejam mentalmente abstratas, baseadas em relatos orais ou em outras experiências

perceptivas, sejam visualmente concretas, baseadas em um suporte definido materialmente.” (2005, p. 11).

Fundamentados no conceito de imagem como unidade universal de comunicação, Weller e Bassalo destacam o potencial alcançado pela linguagem não verbal na sociedade contemporânea. Segundo os autores:

A imagem é capaz de alcançar grupos sociais com a propriedade que a palavra não tem como atingir. Identificamos, então, na imagem uma dimensão democrática, pois a leitura/escrita, em diferentes momentos históricos, passou a ser tarefa de especialistas, ou restrita a pequenos grupos. Enquanto a expressão escrita foi construindo-se em uma habilidade específica, e de apropriação condicionada, a imagem manteve seu caráter de apropriação individual e coletiva para todos que as tivesse ao seu alcance. (2011, p. 285)

Este caráter democrático é o grande trunfo da imagem frente a outros meios de comunicação, pois ele torna a relação entre interlocutor e receptor mais fluida, menos codificada. Neste tipo específico de comunicação se faz desnecessário que o interlocutor se preocupe com os níveis de alfabetização do seu receptor, por exemplo. Além disso, a imagem possui um potencial de significação/sentido que transcendo o denotativo, fator que pluraliza ainda mais as possibilidades de comunicação.

Vilém Flusser destaca este papel de mediação característico da imagem, porém, segundo o autor, uma vez agindo como instrumento mediador ela acaba interferindo na recepção:

Imagens são mediações entre o homem e o mundo. [...] Imagens tem o propósito de representar o mundo. Mas, ao fazê-lo, interpõem-se entre o mundo e o homem. Seu propósito é serem mapas do mundo, mas passam a ser biombos. O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função das imagens. (2002, p. 09)

O autor mostra a imagem sob duas perspectivas principais. Primeiro sob o paradoxo de ser *mapa* e *biombo*, ou seja ao passo que a imagem se propõe a ser mapa da realidade, revelando caminhos, ela também pode se tornar um biombo, que interfere na visão de uma cena, comprometendo assim a representação do real. A segunda perspectiva preconiza um panorama muito próximo do que o homem vivencia hoje, onde a imagem passa a ser o centro da sociedade.

Susan Sontag, compartilhando deste entendimento a cerca de uma sociedade marcada pelo visual, afirma que “existem à nossa volta muito mais imagens que solicitam nossa atenção. O inventário teve início em 1839, e, desde então, praticamente tudo foi

fotografado, ou pelo menos assim parece.” (2004, p.13) A autora já propõe uma relação direta entre essa intensa veiculação de imagens e a fotografia, que parece ocupar lugar especial no universo das imagens contemporâneas.

Em seu livro *Sobre Fotografia*, Sontag descreve uma sociedade maravilhada pela fotografia e pelo fotógrafo. Segundo ela, o fotógrafo se tornou um *herói moderno* da década de 1920, pois junto ao seu equipamento ele tinha o poder de *revelar* o belo. E mais, o poder de transformar aquilo que se vê, como se possuísse a capacidade de mostrar mais do que o olho humano é capaz de perceber.



Fig. 01: *Pepper Edward*

Ainda segundo a autora, a fotografia pode tornar exótico o cotidiano, como por exemplo, nas fotografias de Edward Weston, que, no fim da década de 1920, mostravam *pimentões voluptuosos*, tão ou mais sensuais quanto suas fotos do nu feminino. Como afirma Sontag, o pimentão é apresentado “em *close* mas em sua inteireza, a pele lustrosa ou oleosa, e o resultado é uma descoberta da sugestão erótica de uma forma ostensivamente neutra, uma ampliação de sua palpabilidade aparente.” (Op cit., p.114)

Trazendo os experimentos feitos na década de 1920, a autora faz refletir a potencialidade da fotografia enquanto instrumento que “brinca” com a percepção humana, aproximando-se da natureza para revelar aquilo que passa despercebido à olho nu. Dessa maneira, se forem levados em consideração os progressos tecnológicos envolvendo a fotografia, se torna possível observar que, ao longo do tempo, as possibilidades da manipulação imagética só se multiplicaram. Hoje, a fotografia pode ocupar diferentes lugares dentro e fora do campo das artes visuais.

De acordo com Lúcia Santaella, atualmente existem hoje três principais caminhos por onde se desenvolve a fotografia:

- (a) a fotografia documental, jornalística, ainda marcada pela intenção do flagrante realista;
- (b) a manipulação fotográfica através do computador;
- (c) a evolução da fotografia através de suas ligações com a sonografia e infografia nas técnicas de sondagem do invisível. (2012, p.191)

A autora leva em consideração principalmente os processos de evolução tecnológicos que envolvem o instrumento fotográfico. Embora destaque a posição ocupada pelo fotojornalismo, ela também demonstra atenção às interações da fotografia com as intervenções do computador, e da sua relação com as novas maneiras de sintetizar imagens provenientes da técnica fotográfica.

Complementando este panorama traçado por Santaella, em seu livro “*A fotografia como arte contemporânea*”, Charlotte Cotton analisa a relação da fotografia com a arte, outro caminho que merece destaque quando se pensa nos papéis assumidos por esta plataforma de expressão na contemporaneidade. Para isto, a autora divide a fotografia contemporânea em oito categorias, ou oito *motivos condutores*, a fim de refletir os caminhos traçados pelos fotógrafos contemporâneos.

No decorrer dos capítulos Cotton apresenta trabalhos de fotógrafos que mantêm relações com performances artísticas; que se utilizam do espaço de representação da fotografia para contar/sugerir histórias, ou para, ao contrário, fugir do emocional, tratando de temas com distanciamento, buscando uma *inexpressividade* fotográfica; fotógrafos que questionam com seu trabalho as temáticas comuns abordadas na fotografia, representando o que é *esquecido*, ou o que não seria notado; aqueles que mantêm como foco a *vida íntima*, o flagrante, e também os que representam importantes *momentos na história* registrando desastres ambientais e sociais; e por fim, os artistas que utilizam métodos contemporâneos de sintetizar imagens, que ressignificam obras importantes da história da arte, e aqueles que vivendo a era da fotografia digital se utilizam dos mais diferentes recursos de manipulação, ou negam tais tecnologias e trabalham com o retorno ao analógico. (COTTON, 2010)

Esta análise apresentada pela autora esclarece a pluralidade de papéis que a fotografia e o fotógrafo podem assumir. Mesmo tomando como ponto de partida a relação entre arte e fotografia, fica claro que, fora de galerias de arte, ou similares, também é possível se deparar com estes tipos fotográficos cotidianamente. Revistas, jornais, livros, imagens publicitárias etc., veiculam estes diversos gêneros fotográficos, disseminado

mensagens e comprovando o quão abrangente pode ser o arcabouço da linguagem fotográfica.

Uma vez imersa nesta profusão de imagens, a sociedade têm desenvolvido sua relação com a fotografia ao longo da história. Através de diferentes caminhos a foto se fez presente no cotidiano social, se tornando parte de ritos, e ajudando a atribuir sentido à eventos. A fotografia se torna uma arma que eterniza momentos, que constrói uma história.

Fotografia: Registro, rito e representação

Ao longo da história, a sociedade adotou a fotografia sob diversas formas, assumindo diferentes papéis. Seja enquanto registro pessoal ou instrumento profissional, ao passo que a técnica fotográfica se desenvolveu, passou a ocupar cada vez mais espaços no meio social, garantindo as atenções sobre si, graças a sua polêmica relação com a realidade.

De acordo com Fernando Tacca a fotografia conquista espaço primeiro entre a burguesia, graças aos retratos (Figura 09) que se tornaram bastante populares. Segundo o autor, estes retratos se tornaram “um elemento de identidade visual e um acesso para ver-se a si próprio, a fundação das individualidades ao manter consigo uma imagem de pessoa querida” (2005, p.10), um instrumento que proporciona que a sociedade veja sua própria imagem.

Além disso, o autor ainda destaca outras maneiras através das quais a técnica fotográfica é explorada pela sociedade. Segundo Tacca sua aplicação também é marcada:

pela documentação, pela instrumentalização de ciências como a astronomia, a microscopia, de pesquisas pseudo-científicas (sic.), pela fisiologia e também pela fatídica classificação de tipos e características humanas que poderiam indicar inclinações psicológicas dentro do campo moveção da criminalidade. (2005, p.11)

Ou seja, a fotografia estava inserida na sociedade através de diferentes vertentes. Nos registros da vida da burguesia, ou atuando em favor das ciências e até da polícia, graças à sua representação muito próxima do referente, a fotografia ganhava cada vez mais espaço no âmbito social.



Fig. 02: Retrato de Benjamin Silliman por Augustus Morand

Refletindo esta vertente da representação social, José de Souza Martins analisa uma sociedade mais próxima da que é vivenciada hoje, a partir do surgimento da câmera portátil, onde o homem deveria registrar o seu cotidiano. De acordo com o autor:

É muito pouco provável que nas coleções domésticas de fotografias obtidas por câmeras populares se encontrem registros do que seja propriamente a vida cotidiana. [...] o homem comum, fotografa na intenção de desbanalizar o banal. [...] A fotografia se insere num certo imaginário e numa certa vontade social, no imaginário da ascensão social. (2011, p.53)

Martins evidencia outra face da relação entre sociedade e fotografia, esta, aparece como instrumento de teatralização do cotidiano com vistas em maquiar a realidade, onde o importante deixa de ser o que está sendo vivenciado naquele momento, para ser o que será fotografado daquele momento. A foto é interpretada como um degrau de ascensão social. Através dela é possível mostrar apenas o que se deseja.

Ainda a respeito desta interação entre fotografia e cotidiano é possível observar em Susan Sontag uma perspectiva importante para complementar esta relação estabelecida. Segundo a autora, a fotografia tornou-se parte fundamental dos *ritos sociais*, como casamentos e viagens, por exemplo. As fotos aparecem como testemunhas, provas de que tais eventos realmente ocorreram. O ato de fotografar estabelece uma relação *voyerística crônica* com o cotidiano do homem. (Sontag, 2004)

Este conceito de artefato de registro, e ao mesmo tempo de instrumento que constrói sentido, permeia as relações da fotografia com a sociedade. No decorrer da história foi

atribuída à fotografia toda essa responsabilidade de carregar e representar o real. E isto pode ser facilmente observado em registros íntimos, documentos ou mesmo nas imagens veiculadas na imprensa, o caráter de registro da fotografia corriqueiramente se sobressai.

Tais aplicações da fotografia no cotidiano social, desde os primeiros registros da burguesia, passando pelas contribuições às ciências, até os álbuns de famílias e fotos publicadas em periódicos e afins, contribuíram para a construção de um arquétipo de *duplicata*, onde se acredita que o que se vê na foto é um fragmento da realidade, como afirmam Weller e Bassalo:

A câmera fotográfica, seja através de técnicas de fixação fotoquímica (sistema analógico) ou de codificação binária dos padrões (sistema digital) [...] materializa extratos da realidade, garantindo uma existência atemporal à sua provisoriedade. (2011, p.299)

Os autores ainda destacam outra forte característica da fotografia, que é a sua capacidade de imortalizar registros através da reprodutibilidade da sua matriz analógica ou digital.

Outra vertente, defendida por Claudio Marra, não interpreta a foto como fragmento do real, mas sim como um *análogon*, uma *transposição* da realidade. Mantendo um paralelo entre desenho e fotografia, o autor afirma que ao se deparar com uma representação desenhada, não há como ter certeza que aquela pessoa, por exemplo, esteve realmente à frente de quem a desenhou, já com a fotografia esta sensação é imediata. A respeito desta relação entre a foto e seu referente o autor afirma que:

Ao falarmos de *análogon* e transposição, ninguém pensa que sobre aquele pedaço de papel há efetivamente uma mulher de carne e osso, o que nos remete à sua presença, é, de fato, um puro exercício conceitual. Nesse sentido, considerar uma fotografia um *análogon* do real poderá ser tudo, menos um gesto ingênuo, porque é uma consideração fundada sobre uma consciência conceitual, e não material, é uma consideração que será sempre um gesto sofisticado e complexo, absolutamente determinante para marcar a diferença em relação à ingenuidade expressa, à sua maneira, pelo senso comum. (2008, p. 31)

Marra deixa claro que entende a fotografia como uma representação análoga do real, que é na transposição da realidade para a foto que se encontra a magia do ato de fotografar. E esta *ingenuidade do senso comum* à qual se refere, é exatamente à ingenuidade de acreditar neste arquétipo de *duplicata* que foi criado.

A forte presença das mensagens visuais no cotidiano da sociedade contemporânea é indiscutível. E neste campo a fotografia assume, a partir das mais diferentes vertentes, papel fundamental na comunicação e expressão do ser humano. A alcunha de *fragmento de*

realidade comprova quão críveis são as imagens geradas pelo dispositivo fotográfico, e o quanto podem se tornar poderosas no processo de interlocução. O senso comum acredita na fotografia, e esta, por sua vez, busca maneiras de se fazer cada vez mais digna desta fé.

Considerações Finais

A partir do estudo apresentado foi possível observar a fotografia sob diferentes perspectivas. Seja como meio de expressão e/ou de registro, a foto se faz presente nos processos de comunicação do homem, cercada de funções a ela atribuídas, nas mais diversas esferas sociais. E mais, a fotografia tende a transgredir estes papéis designados, desafiando os limites espaço-temporais, seja na tentativa de capturar um instante, seja no seu poder de reprodução quase que infinito.

Os retratos da burguesia de outrora, se tornam não apenas ferramenta de registro para aqueles que puderam se ver representados em um papel, mas também de fonte de pesquisa para gerações futuras; fotos de cenas de crimes se tornam evidências para uma investigação; fotografias de momentos históricos, se tornam obras de arte em um mundo imerso em mensagens visuais. De registro pessoal à expressão artística em um museu, a fotografia aparece não apenas como mídia, mas como linguagem de uma geração.

A fotografia é representativa, é descritiva, aproxima o espectador da visão do fotógrafo. Permite, através de suas lentes de aumento, que o mundo seja representado pela visão de quem opera o equipamento. E, no exato momento em que o fotógrafo exhibe seu olhar sob o que o cerca, ele está transpondo o real, expandindo a visão, abrindo portas para conectar o espectador com novas ou diferentes maneiras de ver.

O fato é que a ação de fotografar está impregnada de manipulações. Enquadrar, capturar, representar, editar, uma cena, faz dela não um fragmento de realidade, mas sim uma representação feita pelo fotógrafo de um momento que ele criou. A tentativa de capturar um instante do real falha no exato momento em que se aperta o obturador. O instante não foi capturado, ele foi perdido. Não está mais presente, está representado.

Referências

COTTON, Charlotte. **A fotografia como arte contemporânea**. Trad. Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

MARRA, Claudio. **Nas sombras de um sonho**: História e linguagens da fotografia de moda. Trad. Renato Ambrósio. São Paulo: Editora Senac, 2008.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SANTAELLA, Lúcia; NÖRTH, Winfried. **Imagem**: Cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2012.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TACCA, Fernando. Imagem fotográfica: Aparelho, representação e significação. **Psicologia & Sociedade**. São Paulo. Ano 3. n 17, pp. 09-17. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n3/a02v17n3.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

WELLER, Wivian; BASSALO, Lucélia Braga de Moraes Braga. Imagens: Documentos de visões de mundo. **Sociologias**. Porto Alegre. ano 13, n. 28, pp. 284-314. 2011. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/868/86821166010.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

Referências de Imagens

Figura 01: WETSON, Edward. PEPPER. 1 fotografia, color. Disponível em: <<http://www.edward-weston.com/>> Acesso em: 15 dez. 2013.

Figura 02: MORAND, Augustus. [sem título]. 1 fotografia, p&b. Disponível em: <http://meteoritemanuscripts.blogspot.com.br/2010/10/latest-edition-to-my-collection-si_gned.html> Acesso em: 15 dez. 2013.